

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Christian Schumann** direcção musical  
**Philippe Schoeller** electrónica  
**Worten Digitópia** electrónica e projecção

15 Fev 2020 · 18:00 Sala Suggia

INVICTA.MÚSICA.FILMES  
ANO FRANÇA



casa da música

MECENAS WORDEN DIGITÓPIA

**worten**



Maestro Christian Schumann  
sobre o programa do concerto.

[VIMEO.COM/391202914](https://vimeo.com/391202914)



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



# ***J'accuse***

CINE-CONCERTO

---

**Abel Gance** filme (1918)

**Philippe Schoeller** música (2014)

Partes I e II (c.1h55min)

INTERVALO

Parte III (c.52min)

Estreia em Portugal.

---

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **Manuel Deniz Silva**

## ***J'accuse***

FRANÇA, 1918

**Realização:** Abel Gance

**Realizador assistente:** Blaise Cendrars

**Argumento:** Abel Gance

**Produção:** Charles Pathé

**Directores de fotografia:** Léonce-Henri Burel,  
Marc Bujard, Maurice Forster

**Montagem:** Abel Gance, Andrée Danis

**Intérpretes:** Séverin-Mars (François Laurin),  
Romuald Joubé (Jean Diaz), Maxime Desjardins  
(Marie Lazare), Marise Dauvray (Edith Laurin),  
Mancini (Mãe de Jean Diaz), Angèle Guys (Angèle)

Estreado em Abril de 1919, poucos meses depois do armistício da Primeira Guerra Mundial, *J'accuse* foi o primeiro grande sucesso comercial de Abel Gance (1889-1981) – considerado por muitos como o “Griffith francês”, pelo fôlego épico e pela complexidade narrativa que soube imprimir aos seus filmes. Numa época traumatizada pelos horrores do conflito, a aspereza e a desmesura deste panfleto antimilitarista encontraram um considerável eco internacional, cimentando a reputação do realizador enquanto arauto de um novo “tempo das imagens”. Para a geração que então se empenhava na invenção do cinema enquanto arte, a montagem rápida e inventiva das imagens em movimento anunciava uma linguagem universal, capaz de sintetizar todas as expressões artísticas e de materializar todas as lendas, todos os mitos, todas as religiões. O cinema era, para Abel Gance, uma arte resolutamente moderna, violenta, mecânica e flexível, cuja missão deveria ser – como afirmou em 1912 no seu manifesto “Qu'est-ce que le cinématographe” – a evocação de todas as catástrofes da história, delas retirando a sua “lição objectiva imediata”.

A extraordinária eficácia de *J'accuse*, como tem sido por diversas vezes assinalado, deve-se à forma como o filme oscila entre os registos melodramático e épico. Esta “tragédia moderna em três épocas” acompanha o destino funesto de um triângulo amoroso (Jean Diaz, poeta sensível e delicado, ama em segredo Edith, casada com o ciumento e brutal François), que se vê arrastado, transfigurado e desfeito pelos ventos da guerra. Na sua exploração do impacto da violência da história sobre os indivíduos, Gance recorre a diferentes técnicas cinematográficas – movimentos de câmara, sobreimpressões, efeitos de diafragma, tintagens – para construir um universo visual particularmente denso, em que se multiplicam as referências simbólicas (a cruz, o candelabro judaico de sete braços, as badaladas dos sinos, as danças macabras), um inquietante bestiário (o cão feroz, a corça morta, o mocho de mau augúrio, o pássaro na gaiola), evocações alegóricas (o fantasmagórico guerreiro gaulês que se lança contra o inimigo) e uma materialidade quase táctil de mãos que se tocam e se apertam. Surpreende, ainda hoje, a forma perturbante como o filme aborda os temas mais polémicos à época, como a violação de Edith pelos soldados alemães (num jogo de sombras que muito deve à estética expressionista) ou o destino da criança “filha do inimigo”, que Jean Diaz decide adoptar e “ensinar a ser francesa”, mostrando-lhe como escrever a giz “eu acuso” numa das paredes da sua casa.

O carácter heteróclito de *J'accuse* é reforçado ainda pela sua dimensão documental, uma vez que Gance incluiu diversas sequências captadas pelos serviços cinematográficos do exército, assim como excertos de cartas enviadas pelos soldados às suas famílias. A guerra que o filme nos mostra é a

do desespero quotidiano dessas “cinzentas e pesadas silhuetas de lama” que se amontoam nas trincheiras e rastejam entre o arame farpado, por entre explosões e estilhaços. Esse “efeito de real” é particularmente dramático nas cenas filmadas durante os combates em Saint-Mihiel, ou nas sequências que Gance encenou com verdadeiros soldados do exército francês, que se encontravam em permissão. Após as filmagens, a maioria destes soldados regressou à frente de batalha, de onde poucos regressaram. Raras vezes o cinema foi, de forma tão literal como em *J'accuse*, um lugar de espectros.

Abel Gance sabia, no entanto, como é difícil transmitir a experiência sensível da guerra. Um intertítulo vem aliás lembrar que “há coisas que não devem sair do inferno de lama pela imagem, porque os olhos ainda estão demasiado longe do coração para poderem compreender”. O cinema não era, para Gance, apenas o que se vê na imagem, mas o que a montagem é capaz de sugerir e as emoções que provoca. É essa dimensão sintética, catártica, que lhe permite mostrar o passado no presente, tornar visível o invisível, fazer-nos sentir o que é impossível de nomear. Depois da terrível procissão dos soldados defuntos que retornam à aldeia para confirmar se o seu sacrifício valeu a pena, Edith pergunta se tudo não terá passado de um sonho. O filme de Gance é, também, uma metáfora do próprio cinema, enquanto espaço de sombras em que os mortos coabitam com os vivos.

O universo espectral em que *J'accuse* se desenrola é mudo, mas não é silencioso. Não só as imagens nos fazem ouvir as ensurdecedoras explosões de obuses e os toques de clarim, como todo o filme é atravessado por música, lugar privilegiado da manifestação da emoção e do trauma. O impulso das

primeiras sequências é dado por uma dança de roda na Provença, “no tempo em que em França ainda se sabia o que era a alegria”, que ecoa depois nas sinistras danças dos esqueletos que vêm assombrar as personagens do filme. O violoncelo, marca da sensibilidade exacerbada de Jean Diaz quando o vemos tocar para Edith, ao crepúsculo, transfigura-se depois, nas mãos de sua mãe, na materialização da ausência e da nostalgia. Mais tarde, no decorrer do filme, torna-se um objecto inerte e desmembrado, como um indício da morte da arte e da cultura no horror das trincheiras. Abel Gance foi um entusiasta da fusão entre o cinema e a música (imaginou, em 1913, uma série de “órgãos luminosos” com o pintor Robert Delaunay), tendo elaborado um alinhamento cuidadoso das peças musicais que deveriam acompanhar as diferentes sequências do filme, no qual se sucediam a “Sonata ao luar”, a “Appassionata” ou a “Cavalgada das Valquírias”. Esta relação íntima entre a música e a imagem em movimento, que segundo o realizador anunciava a possibilidade de “uma nova fórmula de ópera”, viria a ser reforçada nos seus filmes seguintes, em particular no contexto da sua colaboração com Arthur Honegger, que participou no acompanhamento musical de *La roue* (1923) – para o qual escreveu o primeiro esboço de *Pacific 231* –, de *Napoléon* (1927) – em que foi ensaiado um inédito sistema de projecção simultânea em três ecrãs –, e de *La fin du monde* (1931), primeiro filme sonoro de Abel Gance, que se saldou por um enorme fracasso financeiro e marcou o início do declínio da sua carreira.

Em 1938, quando as ameaças de uma nova guerra se avolumavam no horizonte e as “lições da história” pareciam esquecidas, Abel Gance realizou uma nova versão de *J'accuse*. Neste aviso desesperado – e tragicamente

inaudível – contra a previsível repetição da catástrofe, Gance afastou-se da intriga inicial e recorreu às possibilidades do cinema sonoro para acrescentar um fundo musical de matriz wagneriana, composto por Henri Verdun, e construir uma sequência final ainda mais perturbante e terrível, em que coreografou um desfile de soldados desfigurados, enquanto a voz de Jean Diaz gritava “encham os olhos deste horror!”. A transição para o sonoro, no entanto, tornara os públicos menos receptivos ao universo de arquétipos, símbolos e alegorias do cinema de Gance que, apesar de ter continuado a filmar até ao final da vida, não mais voltou a ganhar o destaque que tivera nos anos heróicos do período do mudo.

Durante décadas, circularam diferentes versões do *J'accuse* de 1918, muitas delas com cortes substanciais, e a cópia de restauro do filme conservada pela Cinemateca Francesa foi destruída num incêndio em 1980. Só em 2007, por iniciativa do Eye Film Institute de Amesterdão e das edições Lobster Films, se procedeu a uma meticulosa reconstrução da versão original, a partir dos materiais conservados em diferentes arquivos. Para a edição em DVD desse restauro, o compositor Robert Israël elaborou uma partitura original que recuperou a tradição do acompanhamento do cinema mudo através da compilação de música pré-existente. Nessa versão, a comunidade idílica que dança despreocupada antes da guerra foi caracterizada por melodias folclóricas, enquanto as cenas de batalha foram ilustradas por adaptações de obras de Franz Liszt, Edvard Grieg, Gustav Mahler ou Richard Wagner. Em 2014, no contexto das comemorações oficiais do centenário da Grande Guerra, a ZDF-Arte encomendou a Philippe Schoeller uma nova criação musical para acompanhar a projecção do filme,

que foi apresentada no dia 8 de Novembro desse ano na Salle Pleyel, em Paris. Radicalmente diferente dos anteriores acompanhamentos musicais de *J'accuse*, a partitura de Philippe Schoeller não pretende “descrever” o que se passa nas imagens, mas antes propor “uma aliança do olhar e do ouvido”, na qual a música dialoga com a temporalidade própria do filme e se transforma num verdadeiro “campo magnético atravessado pela imagem”, explorando as possibilidades tímbricas e de espacialização da orquestra sinfónica, da electrónica ao vivo e de um “coro virtual” (vozes previamente gravadas que são difundidas sem que as possamos ver, permitindo uma maior fusão entre a música e as imagens). É a estreia portuguesa dessa recriação sonora de *J'accuse* que a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música nos apresenta nesta sessão do Invicta.Música.Filmes, num cine-concerto em que as imagens são para ouvir e os sons para ver.

MANUEL DENIZ SILVA, 2020

## ***J'accuse* ou o nascimento da Sinfonia Visual**

Cine-concerto para projecção fílmica, grande orquestra, electrónica em tempo real e coro virtual

Uma invenção nasceu nos séculos XX e XXI: “a Sinfonia Visual”.

Ver.

Ouvir.

Ver e escutar: de um lado a imagem visual, do outro a imagem sonora.

“As imagens na cabeça, a cabeça nas imagens”.

O que é uma “imagem”?

Ver. O cinema sem nenhum som. O desfilar exacto de 24 imagens por segundo. Então surge a ilusão: a magia do movimento. Mas sobretudo a magia da montagem. Transformar o movimento das imagens que vemos para construir imagens na nossa mente. Surge então a emoção do cinema. Só com os olhos, sem som. Mudo.

O que é uma «imagem»?

Ouvir. Escutar. As vibrações do ar: luz para os ouvidos. O sonoro é uma imagem, também. Ouvir, depois escutar, para produzir uma imagem. Uma imagem invisível.

Porque toda a música pode ser ouvida de olhos fechados. Com as pálpebras cerradas. Um cego, privado da vista, ouve, escuta, sente a música. O seu espírito, a sua emoção, a sua sensibilidade, constroem em conjunto imagens mentais a partir das imagens sonoras. Ele “vê” a música. Na sua cabeça. No seu sentir, no seu coração, no seu pensamento.

Abel Gance sabia-o. Eis o paradoxo! Ele, o visionário, o cineasta, sabia abrir o olhar interior, esse espaço que se furta ao olhar, esse território íntimo, invisível.

Sabia como gerar imagens nas nossas cabeças, com imagens mudas.

Este filme, *J'accuse*, quando o vemos com os olhos – e apenas os olhos –, como uma pessoa surda, tal como foi concebido e construído por Gance, é tudo menos um filme cego para os ouvidos.

Um *silent film* este *J'accuse*? Não. Exactamente o contrário: A sua narração produz espontaneamente mil imagens na nossa mente, no coração, em todo o corpo.

No cinema de Gance, o olho ouve. A imagem é sempre *cosa mentale*.

A sua energia e a sua inteligência (mental, emocional), como em Shakespeare ou Kubrick, são simultaneamente elaboradas e totalmente naturais, fluidas e precisas. A cabeça nas imagens: surge então uma corrente de imagens mentais. A prodigiosa montagem das diferentes cenas tanto nos faz ver como nos faz ouvir. Nascimento da alquimia; nascimento das imagens emocionais na nossa cabeça.

Foi o que me impressionou logo nos primeiros minutos em que vi *J'accuse* em silêncio. O movimento das imagens mudas – como se fossem, portanto, cegas para um surdo – abria uma luz para o ouvido.

Como se a imagem visual muda em movimento fornecesse imagens sonoras para os olhos. Como se a extraordinária construção do tempo criada por estas imagens mudas abrisse espontaneamente um espaço, um filme, um fluxo de imagens sonoras na minha cabeça. Assim nasceu a música de *J'accuse*.

O fluxo visível das imagens, o seu movimento, o seu ritmo, a sua invenção, gerava sim um fluxo de imagens mentais, mas agora sonoras.

O cinema, mudo, e a música, cega, abrem sempre a mesma coisa. A imagem mental da

emoção que sentimos. A experiência comum. A alquimia do encontro entre a imagem que vemos e a imagem que ouvimos.

Surge então a emoção. Em todo o lado. Dos pés à cabeça.

Porque o cinema e a música têm um tronco comum: a passagem do tempo. O sentido da duração. A elaboração orgânica do ritmo e do movimento.

A transformação mágica produzida pela aliança cinema-música.

A alquimia emocional. A sua inteligência sensível.

*J'accuse*, filme mudo de 1919 de Abel Gance, é visionário. Nenhuma música foi concebida para ser ouvida quando surgiu esta obra da nascente arte cinematográfica. E, no entanto, Gance realizou uma transmutação do conceito de ópera.

Compus duas horas e cinquenta e cinco minutos de música para fazer ouvir o que esta obra puramente visual me inspirou. Sinestesia imediata. Logo nos primeiros minutos de música que surgiam com o simples visionamento do filme, senti, de forma muito intuitiva, que qualquer coisa estava a acontecer; algo que se articulava directamente com o que entendemos por conceito cénico, acústico e teatral de “síntese cénica operática”.

Tive a confirmação dessa sensação nas cinco salas de concerto onde interpretámos e vimos esta obra, onde a “encenámos”: Paris, Estrasburgo, Nice, Viena, Berlim.

Porquê? Porque de cada uma destas encenações espaciais a quatro dimensões – volume acústico e temporalidade flutuante –, a obra deu uma nova interpretação futurista ao que habitualmente entendemos por ópera.

O ecrã, plano, onde desfilavam as imagens, transmutava-se em perspectiva cénica, de onde surgia uma ópera tridimensional.

O ecrã foi atravessado.

As personagens avançavam para o horizonte. Os acontecimentos surgiam na sala.

Os movimentos geniais construídos pela montagem visionária de Gance transformavam-se em dança, cena, volume, arquitectura operática. O cenário geralmente fixo da ópera clássica tornava-se aqui, graças à espacialização da música, pura arquitectura em movimento.

Queremos que esta nova representação, na magnífica acústica da Casa da Música, seja uma catálise de toda a paleta de alucinações, metáforas e símbolos que atravessam o filme.

A nova ópera está a partir de agora por explorar: “A Sinfonia Visual”.

Obrigado Abel Gance!

PHILIPPE SCHOELLER, 2020

Tradução: Manuel Deniz Silva



## Philippe Schoeller

composição e electrónica

Philippe Schoeller é um dos compositores mais importantes da sua geração. Nasceu em Paris, em 1957, recebeu uma formação musical completa e estudou também filosofia e musicologia na Sorbonne em Paris. Frequentou cursos de Pierre Boulez no Collège de France e de Franco Donatoni no Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris (CNSMDP). Participou ainda em vários estágios de música electrónica no IRCAM (Paris) e desenvolveu pesquisas importantes em síntese sonora. Os seus encontros com Henri Dutilleux, Elliott Carter e Helmut Lachenmann foram decisivos para a sua formação como compositor.

O seu catálogo inclui mais de 120 obras, tocadas por importantes orquestras e ensembles tais como a Sinfónica de Birmingham, a Sinfónica SWR de Baden-Baden e Freiburg, a Sinfónica da Rádio de Estugarda, o Ensemble intercontemporain, o Ensemble Modern, a Filarmónica do Luxemburgo, as duas orquestras da Rádio França e muitos outros. Alguns dos maestros que têm promovido a sua música são Myung-Whun Chung, Matthias Pintscher, Marek Janowski, Jukka-Pekka Saraste, Peter Rundel, Peter Eötvös, Pascal Rophé e David Robertson. Pierre-Laurent Aimard, Barbara Hannigan, Jean-Guihen Queyras e Alexandre Tharaud foram alguns dos instrumentistas que estrearam peças de Schoeller. As suas partituras são publicadas pelas editoras Schott Music, Durand Universal e Editions Artchipel.

A música para cinema é um domínio que Schoeller tem explorado mais recentemente. Em 2007, o Auditório do Louvre confiou-lhe a composição da música para o filme mudo *Dura Lex* de Lev Koulechov. Escreveu também a banda sonora original de *Versailles* (2008),

*L'Exercice de l'Etat* (2011, nomeado para um César 2012 como melhor música original) e *Un Peuple et son Roi* (2018), todos do prestigiado realizador Pierre Schoeller. Em 2014 escreveu a música para *J'accuse* (1919), um filme mudo e uma obra-prima de Abel Gance, que foi exibido em cinco cine-concertos em salas europeias prestigiadas. Depois da sua estreia mundial em Paris, a partitura para orquestra, electrónica e coro virtual, com quase três horas de duração, foi chamada de “sinfonia visual”. Um passo mais recente na carreira artística de Schoeller foi a obra *Hermès V*, estreada em Junho de 2017 pelo Ensemble intercontemporain sob a direcção de Matthias Pintscher, na Pierre Boulez Saal (Berlim) e no Southbank Centre (Londres).

A música de Philippe Schoeller irradia uma energia que alia pensamento moderno, inspiração romântica e riqueza instrumental. O seu estilo pode ser associado a termos como cor, transparência, subtilidade, mas também agilidade, movimento, luz e forma orgânica. As suas *Songs from Esstal I, II, III*, estreadas em 2013 por Barbara Hannigan e a Filarmónica da Rádio França, sob a direcção de Jukka-Pekka Saraste, foram qualificadas pela imprensa como um “novo lirismo”. Muito expressiva e por vezes vertiginosa na sua dinâmica interior, a música de Schoeller é frequentemente inspirada pela mitologia da Antiguidade e pelo Romantismo alemão. Da “sinfonia visual” ao “novo lirismo”, Schoeller contempla actualmente a ideia de encontrar uma nova visão para o conceito da ópera.

Philippe Schoeller recebeu dois prémios importantes em 2018: o Prémio de Composição “Florent Schmitt” da prestigiada Academia das Belas-Artes de Paris e o Grand Prix SACEM, pela sua obra sinfónica, numa gala na Salle Pleyel de Paris.

## Christian Schumann

### direcção musical

Artista moderno e multifacetado, o alemão Christian Schumann estabeleceu rapidamente uma reputação como maestro de ópera e de repertório sinfónico, sendo ainda figura destacada internacionalmente no universo da música contemporânea e para cinema.

Na temporada de 2019/20, Christian Schumann actua com um número importante de orquestras, incluindo a Filarmónica da Rádio NDR no Festival de Música Schleswig-Holstein, a Orquestra Sinfónica de Stavanger, a Filarmónica de Oslo e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Recentemente, estreou-se com muito sucesso à frente da Orquestra Sinfónica Nacional Dinamarquesa, da Filarmónica de Bruxelas, da Orquestra da Ópera de Istambul (com um novo concerto para piano do galardoado compositor e pianista de jazz afro-cubano Gonzalo Rubalcaba) e da Filarmónica de Varsóvia (que o convidou a regressar em 2020).

Participou em várias produções operáticas por toda a Europa, tendo dirigido recentemente a estreia em Berlim da ópera *Angels in America*, de Peter Eötvös, muito bem recebida pela crítica. Dirigiu também outras óperas de Eötvös em diferentes pontos do mundo, nomeadamente uma nova produção de *Three Sisters* no Teatro Colón, na Argentina.

A relação especial de Christian Schumann com a música para cinema levou-o a dirigir projectos de grande envergadura tais como o cine-concerto *Neverending Story*, no Festival de Música para Cinema de Cracóvia, no Verão de 2017. Fez ainda três grandes digressões recentes pela Áustria e pela Alemanha, onde voltará este ano com música de John Adams e Hans Zimmer e filmes paradigmáticos como

*Fantasia*, *Piratas das Caraíbas* e *A Bela e o Monstro*, entre outros.

Christian Schumann dirigiu gravações para cinema e jogos de vídeo, incluindo temas originais de Johan Söderqvist (*Battlefield 1* e *Battlefield Expansion* com a Philharmonia Orchestra e a Orquestra Sinfónica de Londres, respectivamente).

## Worten Digitópia

### electrónica e projecção

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão – áudio e vídeo –, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. Consequentemente, o seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades (por exemplo, com grupos com necessidades educativas especiais), o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos.

Sendo parte integrante da Fundação Casa da Música, tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Stefan Blunier** maestro associado

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020, o que a leva a apresentar-se no Auditório Gulbenkian. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2020 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, interpreta a integral das Sinfonias de Beethoven e 19 obras dos séculos XX

e XXI nunca antes apresentadas em Portugal, além de novas obras encomendadas a Philippe Manoury e Daniel Moreira.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner e Tchaikovski; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Zofia Wóycicka  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Roumiana Badeva  
José Despujols  
Vadim Feldblioum  
Tünde Hadadi  
Evandra Gonçalves  
Andras Burai  
Emília Vanguelova  
Alan Guimarães  
Pedro Carvalho\*  
Maria Kagan  
Jorman Hernandez\*  
Tiago Moreira\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
Karolina Andrzejczak  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Francisco Pereira de Sousa  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
Tomás Costa\*  
Clara Badia Campos\*  
Diogo Coelho\*  
Gabriela Peixoto\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Hazel Veitch  
Francisco Moreira  
Jean Loup Lecomte  
Biliana Chamlieva  
Luís Norberto Silva  
Theo Ellegiers  
Rute Azevedo  
Carlos Monteiro\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Sharon Kinder  
Bruno Cardoso  
Gisela Neves  
André Carriço\*  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan  
Michal Kiska

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Jorge Villar Paredes  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec  
Juan Manuel Guevara\*

**Flauta**

Paulo Barros  
Vera Morais\*  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Tamás Bartók  
Telma Mota\*

**Clarinete**

Luís Silva  
Pedro Silva\*  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

José Bernardo Silva  
Tiago Carneiro\*  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Rui Pedro Alves\*  
Hagen Hoyer\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
André Dias\*  
Tomás Rosa\*  
Sandro Andrade\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano/Celesta**

Vítor Pinho\*

**Electrónica (assistência)**

José Alberto Gomes\*\*

\*instrumentistas convidados

\*\*Worten Digitópia

## próximos concertos

16.02 domingo · 12:00 sala suggia

# BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA

INVICTA.MÚSICA.FILMES

ANDREA LOSS direcção musical

JOSÉ SOARES saxofone

obras de John Williams, Nino Rota, Ennio Morricone e Michael Kamen

18.02 terça · 19:30 sala suggia

# O FILME DO REPÓRTER X

INVICTA.MÚSICA.FILMES · CINE-CONCERTO

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

BRAD LUBMAN direcção musical

IGOR C SILVA improvisação e electrónica

WORTEN DIGITÓPIA electrónica em tempo real e projecção

*O Táxi n.º 9297*

REINALDO FERREIRA (REPÓRTER X) filme

IGOR C SILVA música

próximos concertos

28.02 sexta · 21:00 sala suggia

# DANÇAS DE STRAVINSKI

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

MICHAEL SANDERLING direcção musical

SÉRGIO CAROLINO tuba

obras de Igor Stravinski, John Williams e Anton Webern



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

